

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

OS RITUAIS DE EVOCAÇÃO DOS MORTOS E AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA GRÉCIA ANTIGA

Lennyse Teixeira Bandeira

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Lennysebandeira@ufrj.br

Introdução

A morte é um fenômeno enigmático, pois não há como saber o que vem depois dela. Diante dessa constatação, é notável que as sociedades antigas até as modernas fazem uso de cerimônias ritualísticas em honra aos mortos, que reflete a posição da sociedade ao realizarem os rituais fúnebres, revelando assim as suas crenças no pós-morte. Nessa linha de raciocínio, o antropólogo José Carlos Rodrigues (2006, p. 21) afirma que estudar os ritos relacionados à morte, é sociologicamente pertinente, pois a morte de um indivíduo é a ocasião em que os grupos sociais produzem a sua reprodução, tanto nos aspectos simbólicos, ideológicos e culturais, como também nas estruturas socioeconômicas.

O tema sobre os rituais de evocação dos mortos na antiguidade grega está relacionado às práticas dos rituais fúnebres, bem como os rituais da magia que envolve o *magus*, *pharmakas*, *epodai*, *goetes*, *mantis*, *katadeo* entre outros termos. Neste trabalho, apresentaremos dois rituais de consulta aos mortos que dispõem similitudes e ao mesmo tempo características diferentes, trata-se dos rituais de necromancia e *psychagōgós* que se definem como a evocação dos mortos, visando obter algum resultado prático, como por exemplo: transitar ou resgatar alguém no mundo dos mortos, prejudicar alguém considerado inimigo ou remover alguém considerado um adversário e/ou um obstáculo na vida do solicitante. Deste modo, a proposta deste trabalho¹ visa analisar as relações de gênero nos rituais de necromancia e *psychagōgós*.

Diante da diversidade de termos sobre os rituais de evocação dos mortos encontrados nas documentações escritas, produzidas no período arcaico, clássico e

¹ Esta pesquisa está em curso e, portanto, este texto apresenta apenas resultados parciais. Prevê-se para o ano de 2024 a apresentação da tese com os resultados completos da pesquisa.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

helenístico, apresentaremos as definições das palavras gregas relacionadas às práticas mágicas, bem como as suas similitudes e diferenças, no quadro comparativo, a seguir:

Termos gregos relacionados às práticas de magia					
	Epoedes	Manteis	Necromancia	Pharmakos	Psychagōgos
Termos	<i>ἐπιπόδες</i>	<i>μάντις</i>	<i>νεκρομαντεία</i>	<i>Φάρμακον</i>	<i>ψυχαγωγόν</i>
Definição	Prática que faz uso das palavras para encantamentos através de procedimentos mágicos	Prática de adivinhação e interpretação de sinais enviados pelos deuses na forma natural de fenômenos, comportamento de animais ou sonhos	Prática que faz manipulação do corpo na sepultura e evoca a alma do morto para obter informações sobre o futuro	Prática de domínio do uso de ervas, folhas e raízes para o preparo de poções mágicas	Prática que evoca a alma do morto para obter informações
Similitudes	Serviço prestado sob encomenda	Serviço prestado sob encomenda Sacrifício animal	Serviço prestado sob encomenda Evocação de alma Libações Sacrifício animal	Serviço prestado sob encomenda	Serviço prestado sob encomenda Evocação de alma Libações Sacrifício animal
Diferenças	Uso de <i>pharmakas</i> Fumigações, gestos e movimentos (<i>schemata</i>) Elemento hipnótico	Domínio masculino	Manipulação do corpo do morto na sepultura Presença feminina	Domínio feminino	Domínio masculino Iniciação em <i>cultos dos mistérios</i>

Quadro comparativo 1 - Análise comparada das diferenças e similitudes entre os termos de práticas mágicas.

Em razão das definições de termos gregos traduzidos estar em difícil equivalência na língua portuguesa, o *Quadro Comparativo* acima foi elaborado com uma diversidade de significados para as palavras que identificam as práticas da magia. No qual podemos compreender, através das documentações escritas, que a utilização de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ervas, raízes e folhas para uso de encantamentos mágicos eram proveniente de domínio masculino e só se estendeu às mulheres no início do século IV a.C..

Psychagōgós: ritos de contato com os mortos de domínio masculino na Grécia antiga

Os gregos recorriam à adivinhação porque acreditavam que os deuses estavam dispostos a se comunicar com os mortais, e essa comunicação era organizada através de práticas ritualísticas, entre elas, os rituais de *psychagōgós*, defendido anteriormente em nossa dissertação² como um ritual realizado apenas homens e divindades masculinas. A documentação analisada, neste trabalho, que se refere aos rituais de *psychagōgós*, trata-se das obras *Odisseia* de Homero, *Alceste* de Eurípides e *Os Persas* de Ésquilo.

As definições do termo *psychagōgós* em diversos trabalhos lexicográficos apresentam similaridades. *Psychagōgos* é o termo no singular e *psychagōgoi* no plural, que vem da *psychagōgia*, que significa aquele que evoca as almas (JOHNSTON, 2013, p.14). Em grego apresenta-se como “*ψυχαγωγόν*”, a primeira definição traz Hermes como protagonista e detentor do *savoir-faire* a condução das almas para o submundo, a segunda definição expõe o termo como a ação ritualística de evocar os mortos através de sacrifícios e a terceira aponta a variação do termo em grego “*ψυχαγωγία*”, como um significado retórico, ao qual ganha-se ou conquista-se almas através da persuasão (LIDDELL; SCOTT, 1996, p. 2026).

Nesse sentido, Antonio Lessa Kerstenetzky (2020, p. 36) afirma que posteriormente o verbo foi reformulado por *rhêtores* como algo pejorativo, por exemplo: Demóstenes em *Contra Leochares* usa o particípio “*psychagôgêthentôn*” para definir as pessoas que são facilmente manipuladas e persuadidas a adotar crianças de outrem, mesmo contra a lei (DEMÓSTENES, *Contra Leochares*, 44. 63). Por outro lado, Robin Waterfield (2019, p. 62) em notas de sua tradução da obra *Fedro* de Platão, afirma que o termo “*ψυχαγωγία*” carrega fortes conotações de ação mágica.

² “O ritual de *psychagōgós* (*ψυχαγωγός*) na Grécia Antiga: exercício de experimentação comparada com documentações textuais e vasos cerâmicos entre os séculos VIII e IV a.C.” dissertação de mestrado, objeto de análise do Programa de Pós-Graduação em História Comparada – PPGHC da Universidade Federal do Rio de Janeiro, defendida e aprovada em 16 de março de 2020.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Partimos do princípio que o conhecimento do *saber-fazer* os rituais de consultas aos mortos e o contato direto com o corpo do morto era atividade específica de domínio feminino, como deixa transparecer a narrativa mítica *Odisseia* no canto X, versos 516-520, quando Homero descreve a função social desempenhada pela *pharmakides* Circe³, com a *expertise* dos saberes da magia e que detém a capacidade de explicar a Odisseu os procedimentos que deveriam ser executados junto ao ritual. Entretanto, o que nos chama a atenção é que apesar do conhecimento acerca dos procedimentos ritualísticos a serem executados no ritual de consulta aos mortos provir de Circe, quem executa o ritual de consulta e transita no mundo dos mortos é o herói Odisseu, como expõe o Canto XI nos versos 20-26 da *Odisseia*.

Além disso, Simon Hornblower, Antony Spawforth e Esther Eidinow afirmam que os *psychagōgoi* eram especialistas que não apenas evocavam espíritos para obter informações, mas evocavam também para ajudá-los a descansar em paz (HORNBLOWER; SPAWFORTH; EIDINOW, 2014, p. 333). Neste sentido, nos versos 51-78 do canto XI da *Odisseia*, Odisseu narra que ao entrar no mundo dos mortos, é surpreendido pela alma de seu companheiro Elpenor, o companheiro ainda não enterrado sob a terra, suplica a Odisseu que resgate o seu corpo que fora deixado para trás na residência de Circe e lhe prepare uma cerimônia fúnebre para que a sua alma pudesse enfim, descansar em paz. Odisseu promete que fará os rituais fúnebres de seu companheiro. A cena também é exposta no vaso ático, estilo pélica, intitulado “*Odisseu e Elpenor no submundo*” datado de 440 a.C. e pintado por Lykaon, a seguir:

³ *Φαρμακίδες*: feminino de *pharmakeus*. Definição: Feiticeira, bruxa. Aquela que usa encantamentos e faz prática de feitiçaria (LIDDELL, 1996, p. 1917, tradução nossa).

**ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História
Rio de Janeiro/RJ, 2021**



Figura 1 - Vaso ático estilo pélica intitulado “Odysseus and Elpenor in the Underworld”.
Fonte: Museum of Fine Arts Boston. (MFA). <https://collections.mfa.org/>. Acesso em 03 de agosto de 2021.

Diante desses breves apontamentos, podemos supor que as variedades nos termos referente aos rituais mágicos nos conduzem a identificar que há fronteiras de gênero no qual determinadas práticas mágicas poderiam ser executadas apenas por homens e divindades masculinas. Além disso, há evidência de ausência de mulheres nos rituais de contato com os mortos como a prática de *psychagōgós* e *katábasis*. O que nos leva a reflexão de que o ritual executado por Odisseu é *psychagōgós*, pois observamos que Circe apenas o orienta acerca dos procedimentos ritualísticos, mas nota-se total ausência da *pharmakides* durante o ritual.

No período clássico, encontra-se no drama satírico *Alcestes* de Eurípides (vv. 1125-1130) a representação do ritual de *psychagōgós*, no qual coloca em questão o retorno de Alceste do mundo dos mortos, conduzida por Hércules. Dessa maneira, podemos classificar que o domínio de encantamentos mágicos provinha dos homens e, portanto, o ritual de *psychagōgoi* era de domínio masculino, uma vez que, o hóspede de Admeto afirmava não ser um *psychagōgós*, mas atuou na condição de um quando foi ao Hades resgatar Alceste. Na documentação escrita, observa-se que Eurípides usa o termo

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“*ψυχαγωγὸν*” para denominar quem realizou o ritual de contato com os mortos, ao citar que Hércules apesar de conduzir Alceste do mundo dos mortos, nega ser um *psychagōgós*.

Além dessas documentações analisadas acima, na tragédia *Os Persas* (vv. 623-680) de Ésquilo, encontra-se evidências que os homens possuíam o domínio da prática dos rituais de *psychagōgós*, a partir da atuação do Coro, formado por nobres anciãos, que evocam a alma do rei Dário diante de seu túmulo. No *primeiro estásimo* da obra, a rainha Atossa verte libações diante do túmulo de Dário para dar início ao ritual, entretanto, a sua participação limita-se ao ato de oferecer os alimentos aos deuses ctônicos. No *segundo estásimo*, a evocação da alma de Dário é feita a partir de hinos entoados pelo Coro, acompanhados de libações, encantamentos e súplicas aos deuses Hermes e Hades. As libações de leite, mel, água e vinho são semelhantes às libações oferecidas por Odisseu à Tirésias no Canto XI da *Odisseia*. No *terceiro estásimo*, Ésquilo descreve o momento no qual a alma de Dário surge sobre o seu túmulo e refere-se ao Coro como àqueles que o evocaram através de hinos e prantos, denominando-os como *psychagōgoi*. Essa afirmativa está presente no uso do termo grego “*ψυχαγωγοῖς*” na obra *Os Persas*, também presente na obra *Alceste*.

Dessa forma, a partir do termo grego “*ψυχαγωγοῖς*” destacado em *Alceste* e *Os persas*, escritas em idioma original, ratificamos a nossa hipótese de que os rituais de evocação da alma dos mortos conduzidos por homens se tratam de rituais de *psychagōgós*. A ação ritualística da *katábasis*, representadas através das descidas ao Hades nas documentações escritas, evidenciam a prática de evocação dos mortos, que podemos supor que era de conhecimento dos atenienses como prática religiosa exercida pelos sacerdotes identificados como *psychagōgós*, como nos apontam as práticas realizadas por Odisseu, Hércules e O coro, mencionadas anteriormente.

Matthew Wright (2019, p. 62) refere-se aos *psychagōgoi* como aqueles que usam magia para conjurar as almas dos mortos. Em concordância, Sarah Iles Johnston (2013, p.14) define *psychagōgos* como o profissional que era contratado pelos atenienses, para evocar almas e apaziguá-las, com o objetivo de que essas almas não voltassem mais a incomodar a vida do solicitante. Apesar da variedade de termos para designar os rituais de consulta aos mortos na antiguidade, o termo “*psychagōgós*” como defende Georg

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Luck (2006, p. 12), era direcionado aos especialistas que evocavam as almas dos mortos para consultá-los a respeito de acontecimentos do futuro. Mesmo que nessa prática também houvesse a ação de evocar as almas como a necromancia, elas se divergiam, pois os rituais necromânticos detinham outras especificidades, formas de organização, diferentes objetivos e eram realizados por profissionais das práticas mágicas. Portanto, ao analisarmos o ritual de *psychagōgós*, chegamos a curiosa conclusão de que somente os homens detinham a capacidade de participar da prática desse ritual. Neste caso, quem se qualifica para a prática mágica da necromancia?

Necromancia: ritos de evocação dos mortos de domínio feminino em Atenas clássica

Nesse sentido, a prática da necromancia detém certa antiguidade, porém, entre os atenienses, a sua materialidade emerge junto ao discurso de oradores áticos do período clássico que apresentaremos no corpus documental, a seguir: nas documentações escritas, analisaremos o caso de três *hetairai*, mulheres estrangeiras, condenadas por crimes de impiedade por praticarem a necromancia, a saber, a sacerdotisa Theoris de Lemnos representada no discurso judiciário *Contra Aristócrates* de Demóstenes, a *pharmakides* Nino no discurso judiciário *De Falsa Legatione* de Demóstenes e Frinéia de Téspis nas obras *Discurso* de Hipérides. Todas formam um conjunto de mulheres estrangeiras e divindades que tinham o domínio da *pharmaka* e o *saber-fazer* os rituais de necromancia e do *katádesmoi*.

A necromancia tem origem da palavra grega *νεκρομαντεία* (*nekromanteía*), consistindo de duas palavras *νεκρός* (*nekrós*) que significa morto ou cadáver e *μαντεία* (*manteía*) que significa adivinhação. A tradução feita por Henry George Liddell e Robert Scott (1996, p. 1165) da palavra *νεκρομαντεία*, define a necromancia como um rito mágico pelo qual fantasmas que foram evocados são questionados sobre o futuro.

O historiador Richard Kieckhefer (1998, p. 112-158), afirma que o ritual de necromancia possui três objetivos, a saber: prejudicar o inimigo afetando a sua mente, corpo e atividades; criar ilusões, com a impressão de que se é possível “evocar os mortos” e obter informações do passado, presente e futuro. O autor ressalta que o meio

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

mais antigo de adivinhação era por meio de contemplar a superfície de um fluído em uma tigela ou através de outro vaso. Os materiais para tais operações estariam disponíveis em qualquer lugar, mesmo se não houvesse espelhos adequados à mão. Há, por exemplo, uma carta ao rei Psamético do Egito, na documentação arqueológica *PGM* (IV.154–285) que dá as instruções necessárias para a divinação em tigela, a saber, deve-se pegar uma tigela ou pires de bronze e enchê-los com água, adicionar azeite verde, recitar um encantamento e fazer perguntas sobre o que o deus deseja.

De acordo com as concepções antropológicas de Erika Bourguignon (1987, p. 6451), a necromancia consiste em uma prática mágica que visa conjurar as almas dos mortos com o objetivo de estabelecer uma comunicação com determinados defuntos, para obter informações sobre acontecimentos do futuro. Entretanto, a antropóloga ressalta que a prática de necromancia também era realizada para outros fins condenados pela *pólis* dos atenienses, como a prática da magia de fazer mal ao inimigo. O interdito se deve ao fato de ser proibido importunar e manipular o corpo do morto em sua sepultura. A condenação dessa prática, como nos informa Aristófanes em *Rãs* (v.150), se deve ao fato da sepultura ser um espaço sagrado que pertence aos mortos, um lugar inviolável e protegido pelos homens. A materialidade do ritual consta das críticas realizadas por Platão na obra *República* (364c-d) aos praticantes dos rituais de contato com o mundo dos mortos, condenados por importunar e fazer manipulação do corpo do morto, com fins para fazer mal ao inimigo.

A partir da nossa análise, percebemos que a prática da necromancia se confunde com o ritual de *psychagōgós*, pelo fato de ambos estarem envolvidos nas práticas de evocação da alma dos mortos. Entretanto, há fronteiras de gênero na realização destes rituais de contato com as potências sobrenaturais. Nos questionamos também a respeito das atividades realizadas pelas mulheres estrangeiras que viviam na sociedade ateniense. No qual partimos do princípio que as mulheres estrangeiras vítimas de acusação de práticas da magia como Theoris de Lemnos, Nino e Frinéia de Téspis detinham o saber-fazer a prática de necromancia, visando prejudicar o inimigo através do uso dos *katadesmoi*. Muitas dessas lâminas foram encontradas na mão direita de indivíduos mortos antes do tempo como os suicidas, vítimas de assassinatos

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

(*biathanatoi*) e as crianças (*aoroi*), como nos informa o filósofo Platão nas *Leis* (XI, 933 a-b).

O fragmento que menciona a acusação por impiedade de Theoris de Lemnos, que se trata de um discurso do orador Demóstenes, do século IV a.C., está em “*Contra Aristócrates*” que aborda o julgamento do político Aristócrates, julgado por ser um devedor estatal. No caso de Theoris de Lemnos, a estrangeira e toda a sua família foram condenados à morte por executar práticas mágicas com uso de drogas e encantamentos que visavam a cura da epilepsia, pois a ação trazia a memória dos atenienses que os saberes mágicos eram perpassados hereditariamente, portanto, ao condenar todos os seus familiares, os atenienses estariam livres do *miasma* que poderia ser transmitido pela família. A documentação nos revela que Theoris de Lemnos foi condenada à morte por realizar práticas mágicas, fazendo uso de *pharmakas* para feitiços e encantamentos, ao qual os jurados compreendiam que a *hetaira* detinha conhecimentos ocultos e poderes sobrenaturais.

Outra condenação por impiedade trata-se do julgamento da *pharmakides* Nino, que também foi mencionada por Demóstenes no discurso judiciário *De Falsa Legatione*, que explica que Nino foi realmente acusada de fazer poções de amor (*philtokatadesmoi*) para jovens. Diferentemente das *hetairas* citadas acima, representada em tribunal pelo renomado orador Hipérides no século IV a.C., Frinéia de Téspis foi a única dessas três mulheres estrangeiras a ser absolvida. O julgamento ocorreu após a acusação de Euthias que afirmava que Frinéia praticava atos de perversões no Cerâmico. A data de seu julgamento é incerta, mas provavelmente ocorreu entre 350 e 340 a.C.. O fragmento que menciona Frinéia está presente na obra “*Discurso*” de Hipérides, ao qual afirma que de acordo com o resultado de suas relações com Frinéia, Hipérides se viu envolvido no julgamento quando a *hetaira* estava prestes a ser condenada, ele a levou para o meio do *areópago* e desnudou seus seios; os juízes, em consideração à sua beleza. As acusações feitas a Frinéia de Téspis por Euthias, consistia no delito de fazer uso de lugares considerados sagrados para praticar atos de *perversões sexuais*. Nessa continuidade, o ato realizado pela *hetaira* Frinéia no cemitério do Cerâmico consistia em práticas mágicas acompanhadas de sussurros e gestos que levou Euthias a fazer a interpretação do rito como sendo um gesto de *perversão sexual*.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Deste modo, acreditamos que as acusações nos tribunais contra as *hetairas* reforçam a tradição grega que relacionava as mulheres ao uso de drogas, filtros e venenos usados em rituais mágicos, além de deter o conhecimento acerca do *saber-fazer* as lâminas de chumbo utilizadas nos rituais de *katádesmoi*, que visavam prejudicar fatalmente o inimigo.

Considerações Finais

Defendemos que o ritual de necromancia é uma prática exercida eminentemente por mulheres. Esta suposição se baseia no fato de que as mulheres estavam diretamente em contato com o uso de encantamentos e rituais de contato com o corpo do morto, como nos aponta as ações contra as hetairas Frinéia de Téspis, Nino e Theoris de Lemnos. Além disso, defendemos que o ritual de evocação aos mortos necessita da presença de duas pessoas ao lado do solicitante, a saber, o elemento masculino que evoca a alma do morto, identificado como *psychagōgós*, esse termo grego “*ψυχαγωγόν*,” compreende-se por uma prática que evoca a alma do morto para obter informações, como citado anteriormente, e do elemento feminino, a mulher cuja prática é identificada como necromancia, esse termo grego “*νεκρομαντεία*” define-se como uma prática mágica de manipulação do corpo junto a sepultura, que ao colocar os *katadesmoi* na mão direita do defunto, tem como objetivo fazer mal ao inimigo do contratante.

Referências

Documentação escrita:

BETZ, H.D. *The Greek Magical Papyri in translation* (including the demotic spells). Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

DEMOSTHENES. *Orations*. Volume III: Orations 21-26: Against Meidias. Against Androtion. Against Aristocrates. Against Timocrates. Against Aristogeiton 1 and 2. Translated by J. H. Vince. Loeb Classical Library 299. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1935.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

DEMOSTHENES. Orations. Volume II: Orations 18-19: De Corona, De Falsa Legatione. Translated by C. A. Vince, J. H. Vince. Loeb Classical Library 155. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1926.

ÉSCHYLE. *Tragédies*: Les suppliantes, Les perses, Les sept contre Thèbes, Prométhée enchaîné; texte établi et traduit par Paul Mazon, 2, éd. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

EURIPIDES. Alcestis, edited with translation and commentary by D.J. Conacher. Warminster, Aris & Phillips, 1988.

EURÍPIDES. Medeia. Trad. de Jaa Torrano. São Paulo: Editora Hucitec, 1991.

HYPERIDES. Discours. Texto ed. por Gaston Colin. Paris, Les Belles Lettres, 1968.

HOMERO. Odisseia. Trad. Christian Werner. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

PLATÃO. Leis e República. Lisboa: Calouste Gulbekian, 1993.

ROCHA PEREIRA, Maria Helena da. Hélade. Antologia da Cultura Grega. Coimbra, 1998.

THEÓCRITE. Les Magiciennes. in: Bucoliques Grecs. Paris: Les Belles Lettres, 1960.

Documentação arqueológica:

GAGER, J. G. *Curse Tablets and Binding Spells from the Ancient World*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1992.

Bibliografia Geral:

BOURGUIGNON, E. Necromancy. In: Encyclopedia of Religion, vol. 10. Ed. M. Eliade. New York, 1987.

HORNBLOWER, Simon; SPAWFORTH, Antony; EIDINOW, Esther. *The Oxford Companion to Classical Civilization*. Oxford University Press, 2014.

JOHNSTON, Sarah Iles. Restless Dead: Encounters between the Living and the Dead in Ancient Greece. London: University of California Press, 2013.

KERSTENETZKY, Antônio Lessa. Por que o filósofo escreve? A prática remanescente da escrita no Fedro de Platão (274-277). Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2019.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

LIDDELL, Henry George, SCOTT, Robert. A Greek-English Lexicon. revised and augmented throughout by. Sir Henry Stuart Jones. with the assistance of. Roderick McKenzie. Oxford. Clarendon Press. Oxford: Clarendon Press, 1996.

LUCK, Georg. Arcana Mundi: Magic and the Occult in the Greek and Roman Worlds: A Collection of Ancient Texts. 2nd ed. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2006.

PLATÃO. Fedro. Tradução e notas de Pinharanda Gomes, Coleção de filosofia & Ensaios, 6ª edição, Guimarães Editores. Lisboa, 2000.

RODRIGUES, J. C. Tabu da morte. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

WATERFIELD, R. Plato: Phaedrus. Oxford: Oxford University Press, 2002.